

Palácio de Monserrate

I.

Século XVI

Hospital de Todos os Santos de Lisboa era o proprietário da propriedade em Sintra. Em 1540, Frei Gaspar Preto, devoto da Virgem de Montserrat (Santuário na Catalunha), pediu autorização para construir neste local uma capela, dedicada a Nossa Senhora de Monserrate, o facto que deu nome à propriedade.

Século XVII

Em 1601, mediante o pagamento de um foro anual, o Hospital transmitiu o domínio e exploração da quinta à família Melo e Castro, radicada em Goa, Índia.

Século XVIII

Em 1718, D. Caetano de Melo e Castro, 36º vice-rei da Índia, adquire efetivamente a propriedade ao Hospital, vinculando-a aos seus bens através de um morgadio que impedia a venda. A administração da propriedade foi entregue a procuradores, para exploração agrícola e conservação da mesma.

No final do século XVIII, em 1789, Gerard Devisme, arrendou a propriedade de Monserrate à Família Mello e Castro, desejando construir aí uma residência destinada ao «repouso retemperador».

Construiu palacete neogótico, finalizado entre 1791 e 1793. Devisme que regressou a Inglaterra em 1791, não retornando, apesar de manter o contrato de arrendamento vigente. Em 1794 subarrenda a William Beckford que não terá feito alterações significativas no dito palacete neogótico de Monserrate.

Século XIX

A propriedade foi visitada por Lord Byron em 1809, vindo a mencionar Monserrate na sua obra prima: Peregrinação de Childe Harold. Esta referência a Monserrate transportou esta propriedade para o núcleo dos lugares icónicos do romantismo a nível internacional.

No final do século XIX, em 1856, Francis Cook inicia o contrato de posse da Quinta de Monserrate com a família Mello e Castro e, em 1863, com a extinção da lei do Morgadio, torna-se no proprietário de direito.

Em 1856 iniciaram-se os trabalhos no jardim.

Em 1858, surgem os primeiros projetos do palácio, oito anos depois, em 1865, a obra estava terminada.

O Palácio de Monserrate é um exemplo de arquitetura que se pode considerar romântica, estando plenamente integrado no projeto geral do parque que o rodeia e que o Bernardo acabou de descrever.

Em 1946, foi adquirida pelo investidor Saúl Saragga. Posteriormente, em 1949, vendeu Monserrate ao Estado, que a adquiriu pelo interesse histórico-artístico que possuía para o concelho de Sintra. No entanto, apenas foi adquirida a casa e a propriedade, porque o mobiliário, já tinha sido vendido em 1846, num leilão muito concorrido pela alta sociedade lisboeta.

II.

Edifício

O edifício que podemos ver atualmente foi encomendado ao arquiteto James Thomas Knowles. O projeto visou adaptar o palacete neogótico preexistente, erguido por Gerard Devisme, do qual foi mantida a configuração geral da planta e da volumetria, construindo-se novos revestimentos internos e externos.

Os mais recentes estudos demonstram que conceito de Pavilhão de Jardim estará na base da inspiração para esta residência de veraneio da família Cook, que aqui passava alguns meses por ano.

A ideia de pavilhão, inserido num jardim, conjuntamente com a evocação de culturas artísticas distantes, contribuía para a criação de um ambiente romântico vocacionado para o lazer, descanso.

Entrada do Jardim

Espaço de comunicação entre o jardim e os habitantes do palácio. Localizado na zona central da casa como era hábito nas casas de campo inglesas.

Permite o acesso rápido aos quartos do primeiro piso, sem passar pelas salas principais.

Sala de Arte Sacra

Na época em que a casa era habitada pela família Cook foi descrita como «salinha com a aparência d'um pequenino museu.».

Nesta sala Francis Cook reuniu um notável conjunto de peças de arte sacra. Uma coleção apresentada num ambiente religioso encenado, nomeadamente através do vitral que coa a luz solar criando uma envolvente especial na sala.

Octógono

Espaço de passagem e distribuição entre os diferentes polos da casa. Invocação da natureza que perpassa todo o palácio, e que, neste espaço se impõe de forma intensa através da fonte central e da luz natural na cúpula.

A forma octogonal deste átrio, já existia no palácio de Monserrate inicial, construído por Devisme e habitado por William Beckford. A opinião dos historiadores, trata-se de uma referência ao período Gótico, inspirada na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha, monumento de grande importância no revivalismo gótico inglês.

Galerias

Uma das principais premissas da arquitetura de Monserrate é a ideia de continuidade entre exterior e interior. Esta premissa está marcada por dois sistemas principais:

- Apresentação de elementos naturais dentro de casa. Nomeadamente através do emprego constante de motivos naturalistas na pedra, madeira e estuque (folhagem, flores e aves). Assim como de plantas naturais dentro de casa.
- Repetição indistinta dos elementos arquitetónicos. Ou seja, os elementos utilizados no exterior, designadamente colunas e arcos com cortinas de pedra ou estuque rendilhadas, repetem-se no interior, o mesmo acontece com os tons escolhidos: o branco, o laranja ou rosado e os vários tons de cinzento e azulados.

Átrio de Entrada

Átrio destinado à família, hóspedes e visitas quando chegavam ou partiam de Monserrate, utilizando a estrada do Portão Principal.

Francis Cook, o dono da casa, tinha aqui o acesso direto aos seus aposentos, localizados no piso superior e proximidade à Biblioteca, que também era o seu gabinete de trabalho. Assim, não passava pela área de convívio e entretenimento da família e visitas, localizada no outro polo da casa.

O acesso à cozinha também podia ser feito por este átrio, permitindo a ligação discreta, tanto dos senhores quando necessitassem de aceder à cozinha, como do pessoal superior de serviço.

Galeria Técnica

Na descida da escada para a zona de serviço, pode-se observar a discreta entrada para a galeria técnica do palácio de Monserrate. Trata-se de uma infraestrutura original, localizada por baixo do corredor central. Naquela época, esta Galeria Técnica constituía uma grande inovação em Portugal, pois a maior parte dos edifícios. Atualmente nesta galeria passam as redes de aquecimento, iluminação, abastecimento de água, comunicações e sistema de combate a incêndios.

Cozinha

Departamento dividido em dois compartimentos principais. À esquerda o compartimento destinado às confeções quentes, cuja peça central é o fogão adquirido pela família Cook em Portugal, à Serralharia Lisbonense.

No outro lado do corredor, o compartimento destinado às preparações frias, como saladas e sobremesas. No acesso da escada estavam localizadas a despensa e a garrafeira.

O revestimento da parede resulta da combinação de azulejos originais com combinados com cópias recentes, manufaturadas de acordo com a técnica de estampilha original.

Biblioteca

Entre as salas principais, esta era a única com porta em todo o Palácio, o que salienta a importância do silêncio e da ausência de interrupções na leitura ou na escrita. A porta em si, é um magnífico exemplar, executada em madeira de nogueira espanhola, esculpida com o tema de Diana, deusa da Caça.

A biblioteca foi um dos primeiros espaços a ser integralmente restaurado a partir de 2007. As estantes foram desinfestadas, tendo sido substituídas as que estavam apodrecidas e mantidas as originais.

O revestimento do teto e da parede foi igualmente restaurado, recriando o revestimento original, que era em papel a imitar madeira (no teto) e veludo lavrado (na parede).

Na época da família Cook estava colocada uma panóplia de armas no pano de parede sobre a lareira (atualmente pertencente à Fundação Medeiros e Almeida). Atualmente apresenta-se um par de retratos de Frederick Cook, filho do primeiro proprietário e da sua esposa Lady Mary Cook.

Os livros que pertenceram originalmente à biblioteca foram vendidos por um bisneto de Francis Cook, Francis Ferdinand Cook. O leilão ocorreu em Dezembro de 1846.

Sala de Jantar

Na época da Família Cook, apresentava com o aspeto imponente e solene que esta divisão devia ter, conforme os preceitos ingleses. O mobiliário era sóbrio, neorrenascentista.

O aparador entalhado, apresentava motivos figurativos considerados adequados à sala de jantar, nomeadamente peças de caça. Esta peça de mobiliário estava localizada junto à porta da copa para facilitar o serviço.

Nas paredes encontravam-se pinturas de temática religiosa e profana, de origem italiana, do século XVI.

O arco da guarnição da lareira em mármore italiano integra-se totalmente na decoração parietal.

Existia um baldaquino colocado sobre a mesa, que servia para absorver o som e facilitar a conversa à mesa. Esta armação em tecido, reforçava o aspeto exótico que perpassa a decoração e arquitetura de toda a casa.

No pavimento encontravam-se tapetes orientais, essenciais para o carácter de luxo e conforto pretendido neste tipo de espaços.

Copa junto à sala de jantar

Este espaço permitia que o serviço à mesa fosse cuidadoso e discreto. As refeições preparadas na cozinha eram enviadas para este piso através de um monta-pratos (elevador), que não podia, de forma alguma, aceder diretamente à Sala de Jantar.

O mobiliário integrado e o equipamento originais foram restaurados, encontrando-se neste compartimento de serviço.

Sala de Bilhar

Em Monserrate o número e tipo de compartimentos habituais na habitação inglesa de elite foram reduzidos, com vista a uma maior simplicidade de vida durante o verão. Neste âmbito, a Sala de Bilhar era simultaneamente utilizada como Sala de Fumo, habitualmente duas salas diferentes na casa de campo da alta sociedade inglesa.

A decoração da sala foi totalmente elaborada em estuque. Conjuga a representação da natureza e a temática arquitetónica de múltiplos arcos quebrados, capitéis salientes e finos colunelos. Esta mesma conjugação é visível por todo o palácio, quer no exterior, quer no interior, como temos referido.

Sala de Estar ou Sala Sul

Nas ocasiões informais, era nesta sala que a família se reunia antes de se dirigirem à Sala de Jantar. Depois da refeição, era para esta sala que as senhoras se retiravam, enquanto os senhores se dirigiam à Sala de Bilhar para fumar, juntando-se-lhes posteriormente.

Entre os ingleses a sala de estar devia primar por uma decoração que conferisse um ambiente de carácter feminino, alegre, leve, refinado e elegante. As cores mais leves e claras eram preferidas.

Estes princípios decorativos são visíveis no estuque da presente sala. Aqui manteve-se a conjugação entre a representação da natureza e de elementos arquitetónicos visível em todo o palácio, designadamente através da hera e da representação de arcos, finos colunelos e capitéis. No teto destaca-se o grande florão central, de onde pendia um lustre de cristal.

Sala de Música

Considerada a Sala Nobre da casa, era o compartimento de receção; serão e convívio etc.

Como o próprio nome indica, era, também, nesta sala que se fazia música, o grande entretenimento social das tardes e serões. A estrutura e decoração da sala convergem para uma acústica de excelência.

As proporções da sala são harmónicas. Aproveita toda a circunferência do torreão, evitando os cantos e as paredes rectas que podem provocar a reverberação (eco). A superfície parietal não é lisa, mas sim quebrada por vãos e elementos decorativos em gesso que permitem que o som se propague. O mesmo acontece com o tecto, cuja cúpula decorada em estuque e madeira evita que o som «se perca».

Na base da cúpula, em cuja base encontramos os bustos de Apolo, de musas e de Santa Cecília (padroeira da música), executados em estuque.

Piso superior

No primeiro localizam-se os antigos quartos de cama onde se encontra atualmente a área interpretativa do palácio. Aqui os visitantes podem conhecer melhor dados sobre a origem da Quinta de Monserrate, os principais personagens que aqui passaram e, ainda, alguns episódios marcantes da sua história.